

“Construir a Solidariedade...também é construir a IGUALDADE!”

A Organização Internacional Humanitária - CRUZ VERMELHA/CRESCENTE VERMELHO, a poucas semanas de celebrar 155 anos de existência, sempre teve como missão defender a vida, a saúde, a dignidade humana, especialmente dos que se encontram numa situação de maior vulnerabilidade. Alicerçou a sua história nos sete princípios fundamentais, todos eles orientadores da ação como garante da natureza neutral, imparcial e independente das nossas atividades humanitárias.

Na dimensão nacional, a Cruz Vermelha Portuguesa, desde 11 fevereiro de 1865, dispõe já de 170 estruturas em todo o território, constituindo uma mais valia na vertente da proximidade. A CVP mantendo-se igualmente fiel à sua missão e princípios, conseguiu evoluir e tornar-se proativa. Para além de manter o socorro de quem precisa e o apoio nas necessidades básicas mais elementares, adaptou-se às diferentes conjunturas nacionais, às necessidades diagnosticadas localmente e está atenta aos fenómenos e problemas sociais emergentes. Através das estruturas locais consegue procurar dar respostas que melhor sirvam aquele cidadão ou cidadã, aquele homem, aquela mulher, jovem ou sénior.

Verificamos que **crecemos** e florescemos, saímos da nossa zona de conforto, aumentamos o número de beneficiários e alargamos o leque de proteção e bem-estar da população em todo o território nacional! Desde a implementação de um Hostel Cruz Vermelha à criação de uma Casa de Abrigo para Mulheres Vítimas de Violência Doméstica acompanhadas de filhos menores, tentamos abranger todas as fragilidades e ausências de suporte institucional.

Em síntese, o papel das sociedades nacionais como auxiliares dos poderes públicos no campo humanitário, foi-se adaptando um pouco por todo o mundo às necessidades, conjunturas, seja ao nível da saúde, redução de riscos, minimização de danos face a fenómenos/problemas como a violência, pobreza, exclusão social, isolamento, entre outros. Neste contexto de globalização, e sem questionar nenhum dos princípios que nos

movem, destacando obviamente a NEUTRALIDADE, faz sentido refletir sobre qual deve ser a nossa posição face a movimentos e campanhas emergentes.

Recentemente, os mediáticos movimentos **#Me Too** e **# Time's Up**, que envolveram a indústria cinematográfica dos EUA, não nos podem deixar indiferentes! É um movimento e campanha de mulheres influentes, que se empoderaram e denunciaram graves situações de assédio de que foram vítimas. Este movimento já provocou mudança e levou a que Harvey Weinstein, um dos produtores mais influentes desta indústria fosse descredibilizado. Também o movimento Time's Up, foi lançado com uma carta aberta assinada por centenas de mulheres no show business, bem como figuras poderosas de Hollywood, incluindo a produtora Shonda Rhimes, cujos créditos incluem Grey's Anatomy and Scandal. Em certo sentido, o Time's Up está a ser lançado para reforçar o movimento #MeToo que surgiu da resposta espontânea às revelações sobre o sistema de predação sexual de "casting-couch" de Hollywood e disparidades duradouras de género. Embora a atenção se tenha concentrado principalmente no show business e nos média, o Time's Up procura incluir a situação das mulheres da classe trabalhadora. É uma luta que vai continuar e que deve ser considerada como o futuro – o fim das diferenças e da supremacia masculina também no mundo laboral.

#Me Too e Time's Up vieram dar visibilidade a um problema que não é recente. A forma como as mulheres ainda são olhadas no mundo artístico e os abusos de que são vítimas para terem acesso ou oportunidade de trabalho nesta ou em outras área, é um tipo de violência! É violência de género, exercida porque são mulheres. A ideia social de género que se foi construindo ao longo dos tempos, faz com que as mulheres sejam consideradas de menor valor e devem “pagar” por aquilo que é considerado um direito – igualdade no acesso e a condições laborais.

Felizmente estes movimentos, pelo seu mediatismo começam a ganhar força e vieram contrariar aquilo que há muito se estuda, debate, sensibiliza e a academia comprova – assistimos a fenómenos que têm na sua base e na essência a desigualdade de género. O género é a representação social do sexo biológico, determinada pela ideia das tarefas e papéis atribuídos às

mulheres e aos homens na sociedade e na vida pública e privada. uma definição socialmente construída da relação entre os sexos, essa construção assenta numa relação de poder desigual caracterizada pela referência masculina e pela subordinação feminina em quase todas as esferas da vida, incluindo nas relações de intimidade. Atento o exposto, quando sobre a mulher é infligida violência, violência doméstica, mau trato ou abuso, estamos a falar da violação de Direitos...não é uma violação de Direitos das Mulheres, estamos a falar de DIREITOS HUMANOS!!!!

Assim como noticiou a atriz Eva Longoria nos Globos de Ouro quando caminhou no tapete vermelho “ *Este é um momento de solidariedade, não um momento de moda*”.

O mundo está em mudança. Os avanços legislativos são enormes e Portugal é disso um exemplo, mas bem sabemos que as verdadeiras mudanças, o reconhecimento social do fenómeno ou problema ocorre muito depois...por vezes ultrapassa gerações.

A Cruz Vermelha enquanto organização humanitária pode e deve ter uma palavra sobre esta matéria. Analisando todos os Sete Princípios, em particular o da Neutralidade, verificamos que respeitá-lo é conseguir a confiança de todos, de todas as partes envolvidas, em diversos contextos e não só em contextos armados. O Movimento CV/Crescente Vermelho não pode tomar parte nas hostilidades, nem envolver-se em controvérsias de natureza política, racial, religiosa ou ideológica – mas pode e deve mostrar a sua solidariedade quando se fala em violação de Direitos Humanos.

A violência exercida contra as mulheres, não se restringe aos Direitos da Mulheres. Salientando o princípio fundamental da Humanidade e não posso deixar de relembrar as conclusões da Declaração e Plataforma de Ação – IV Conferência Mundial sobre a Mulher em Pequim, 1995 – aquando 50.º Aniversário das Nações Unidas “(...)o fortalecimento das Mulheres e a sua plena Participação, em condições de igualdade, em todas as esferas sociais, incluindo acesso ao poder, participação nos processos de decisão, são fundamentais para alcance da igualdade, desenvolvimento e Paz.” Entendendo-se os direitos das mulheres como uma questão de

CH Matosinhos da CVP

direitos humanos, que combate e repudia todas as formas de violência e discriminação.

Importa garantir o pleno exercício de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais às mulheres e meninas e adotar medidas efetivas contra a violação destes direitos e liberdades;

Sem nos associarmos a movimentos específicos, políticos religiosos ou raciais concretos, na minha perspetiva não estamos a violar qualquer princípio, outrossim, nesta matéria podemos e devemos estar SOLIDÁRIOS com estes movimentos e em simultâneo respeitar o princípio de Neutralidade que nos guia.

Nesta caminhada que a tod@s une e compromete, construir a solidariedade também é construir a Igualdade, com a participação de homens e de mulheres. Afinal...

“A solidariedade é o sentimento que melhor expressa o respeito pela dignidade humana” – Franz Kafka.